



DEMOSTHENES afirmou a investidores estrangeiros reunidos no Banco Merrill Lynch & Co., que a crise das bolsas fortaleceu a qualidade de nossos ativos.

# BC: crise afastou recursos de curto prazo

Mercado financeiro internacional recebe bem às declarações de Demóstenes

**José Meirelles Passos**

Correspondente

• WASHINGTON. Uma vez baixada a poeira do pânico que varreu os mercados financeiros nos últimos dias, o Governo brasileiro chegou à conclusão de que o movimento acabou sendo positivo. Em especial por dois motivos. Primeiro, houve um esvaziamento considerado saudável da carteira de investimentos de curto prazo, da qual o país já vinha querendo se livrar: foi por acumular um alto estoque desse tipo que o México afundou-se numa crise em dezembro de 1994.

— O que tivemos foi um fortalecimento e melhoria da qualida-

de de nossos ativos — afirmou o Diretor da Área Externa do Banco Central, Demosthenes Madureira Pinho Neto, falando a um grupo de investidores estrangeiros reunido ontem pelo Banco Merrill Lynch & Co., de Nova York.

### Crise ajudou a entender a importância das reformas

Segundo o diretor, a dramática queda nas bolsas de valores e o temor de uma maxidesvalorização da moeda fez com que o país redobrasse o seu compromisso em realizar as reformas estruturais e o ajuste fiscal. Sem contar que os parlamentares demonstraram estar dispostos a aceitar uma redução dos gastos.

As primeiras reações no mercado internacional foram positivas. Vários analistas disseram que a queda nos preços de ações brasileiras significava uma ótima oportunidade para a sua compra.

Eduardo Cabrera, estrategista de América Latina, da própria Merrill Lynch, previu que o mercado de valores brasileira terá uma alta de 10 a 15% nos próximos três a seis meses. Argentina ficaria em 10% e México, 4%.

John Mullin, da Salomon Brothers, estava sugerindo a compra e papéis da Telebrás, da Petrobras e das Centrais Elétricas Brasileiras. A possibilidade de uma desvalorização cambial também foi afastada:

— A moeda deverá se manter firme em função dos positivos fundamentos econômicos do país — disse Jane Heap, estrategista da Deutsch Morgan Grenfell, para a América Latina, em Nova York.

Pinho Neto mencionou várias cifras para reforçar a imagem de credibilidade do Brasil. Enfatizou que o déficit fiscal está abaixo da previsão (era de 5% e está em 4,7%) e que o déficit comercial foi de US\$ 800 milhões em outubro.

— Temos nos primeiros 10 meses do ano um déficit de US\$ 6,8 bilhões, o que nos permite prever que o total para este ano será de US\$ 9 bilhões, bem abaixo da faixa de US\$ 14 bilhões que previam no início do ano. ■